

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v10.n1.009

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**REINO DE DEUS: A BÍBLIA FALA SOBRE ISSO?**
The Kingdom of God: does the Bible talk about it?Maira M. Trentin¹
Matheus da Nobrega²**RESUMO**

O presente trabalho traz elementos reflexivos sobre o Reino de Deus, expressão corrente nos ambientes e tradições cristãs, e que a nível teológico apresenta diversos recursos interpretativos. A leitura integral das Escrituras, juntamente com a teologia bíblica e sistemática, é base das reflexões a seguir apresentadas, que estão organizadas em três sessões, além da introdução e das considerações finais. Na primeira parte, o Reino de Deus é apresentado como assunto central das Escrituras Sagradas, sendo diferente de todos os outros conhecidos entre os seres humanos pois este Reino manifesta-se sobrenaturalmente. Na segunda, as principais características do Reino de Deus e sua principal missão: proclamar sua chegada e consumação futura. Na terceira e última parte, são enunciadas as formas de manifestação desse reino a fim de inspirar uma vida cristã fundamentada na ação de Deus. Por fim, o presente texto busca uma maior compreensão sobre o Reino de Deus, presente e vindouro, central nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Palavras-chaves: Teologia Bíblica. Reino de Deus. Vida Cristã.

ABSTRACT

The present work brings reflective elements about the God's Kingdom, the current expression in Christian environments and traditions, and which at the theological level

¹ Graduanda em Teologia pela Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (FATIPI), membro da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²), participante do grupo local de Campinas. E-mail: maira_trentin@hotmail.com

² Estudante de Teologia no Seminário Evangélico do Avivamento Bíblico (SEAB), integrante da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²), participante do grupo local de Campinas. E-mail: matheusnobrega@seabeduc.com

presents several interpretive resources. The whole reading of the Scriptures, together with biblical and systematic theology, is the basis of the reflections presented below, which are organized into three sessions, in addition to the introduction and closing remarks. In the first part, the God's Kingdom is presented as the central subject of the Holy Scriptures, being different from all others known among human beings because this Kingdom manifests itself supernaturally. In the second, the main characteristics of the God's Kingdom and its main mission: to proclaim its arrival and future consummation. In the third and last part, the forms of manifestation of this kingdom are enunciated in order to inspire a Christian life based on the action of God. Finally, the present text seeks a greater understanding of the God's Kingdom, present and to come, central to the teachings of Jesus Christ.

Keywords: Biblical Theology. God's Kingdom. Christian Life.

INTRODUÇÃO

O Reino de Deus, segundo Ladd, é um dos assuntos centrais das Escrituras Sagradas, e é revelado progressivamente ao longo de toda a narrativa bíblica. A palavra grega *basileia*, que se refere a “reino”, aparece cerca de 144 vezes no Novo Testamento.³ Entretanto, outros termos originais que foram traduzidos para o português como “reino” fazem com que essa palavra apareça 152 vezes no Novo Testamento.

Com os dispositivos tecnológicos disponíveis no mundo contemporâneo muitas de nossas leituras são feitas procurando palavras-chaves nos arquivos de texto ou sintetizando o conteúdo redigido em eixos temáticos. Muitas vezes nossa leitura da Bíblia recai nesse padrão: o que leio em busca de consolo? De paz? De alegria ou coragem?

As Escrituras, no entanto, são um conjunto de textos atravessados por uma única narrativa: a história da relação de Deus com sua criação. De ponta a ponta a Bíblia conta a história de Jesus e da salvação da humanidade. Ao olharmos as Escrituras de forma panorâmica e compreendermos essa narrativa principal, tornam-se mais compreensíveis os conceitos e narrativas específicas que ela traz? Por que descrições tão detalhadas do templo? Por que tantas histórias aterrorizantes com acontecimentos brutais? Por que tantas promessas e tantas profecias?

A história da criação, queda, redenção e consumação alinha todos os excertos das Escrituras e torna não só a interpretação dos livros possível, mas também a interpretação de nossas próprias vidas e da realidade. A Bíblia não é um livro para ficar fechado, nem tampouco para ser somente lido de forma impessoal. A Palavra penetra as pessoas, que não são apenas leitores, mas participantes dessa grande história.

Ao longo dos séculos, a ideia de Reino de Deus não foi muito trabalhada pela cristologia, que optou por centralizar sua reflexão na pessoa de Jesus. No entanto, uma cristologia metafísica predominou sobre uma histórica. Ademais, um dos pontos fundamentais servindo como um agravante para a desatenção com o tema é uma visão utilitarista e fatalista do mundo que parte da tradição protestante nutre.⁴ A ideia de que “tudo está caminhando para

³ LADD, 2008.

⁴ GONÇALVES, 2009.

um acerto final de contas, já marcado na agenda divina” pode fazer com que haja um considerável descaso com as atividades do agora ou, ainda pior, uma desvalorização de tudo que se faz fora da igreja, podendo-se cair em um dualismo com relação à práxis cristã. Nesse sentido, o presente texto abordará aspectos fundamentais sobre o Reino de Deus com base em uma análise atenta das Escrituras Sagradas.

Portanto, uma vez compreendido esse contexto histórico do tema, deixa-se de procurar o conceito em análise - Reino de Deus - em passagens específicas da Bíblia, e o encontra-se este não somente escrito em toda a narrativa, mas inscrito na vida do cristão. A história narrada nas Escrituras é a história de cada um, desde antes de seu nascimento, até depois do - suposto - fim.

Ao longo das páginas do Antigo Testamento, uma significativa parcela das profecias a respeito do Messias prometido vieram no tempo dos reinos divididos de Israel e Judá em resposta à opressão dos próprios reis do norte e do sul. Desde então, o imaginário judaico desejava um poderoso rei guerreiro, capaz de livrá-los do sofrimento físico e das mazelas causadas pelos seus próprios reis e depois pelos longos anos de cativeiro e opressão inimiga. Além disso, essa concepção ganhou ainda mais força na experiência dos macabeus, em uma revolta armada e violenta que promoveu um curto (e inédito) período de paz e independência de Judá. Mas não foi com esse espírito bélico que o Messias prometido lhes apareceu.

Jesus Cristo, em tese, poderia ser inserido em qualquer momento da história - considerando inclusive que a dimensão temporal diz respeito somente à condição humana, não da Trindade.⁵ No entanto, é exatamente em um tempo e um espaço específicos que nasce Jesus, e cumpre todas as promessas feitas ao povo de Deus. O contexto político, social e histórico no qual Jesus é inserido são extremamente significativos para o entendimento do que Deus está fazendo na História.

O povo de Israel estava à espera de um rei. Todas as promessas e profecias reafirmavam que eles seriam salvos e libertos pelo rei. O anúncio de um rei que traria justiça era proclamado por todos com grande esperança. E então quem lhes chega é Jesus, um carpinteiro filho de Maria e José, nascido em Nazaré. Que confusão entre os judeus, que escândalo! Humanamente é difícil acreditar que as promessas de Deus se cumpriram daquela forma.

E Jesus não somente convive entre eles, mas, também, anuncia que “é chegado o reino dos céus” (Mt 3.2, ACF). E então o poder de todas as promessas se fazem de fato realizadas naquele homem. O Reino de Deus tem referências econômicas, sociais e políticas bem

⁵ Nas institutas, Calvino subscreve Trindade da seguinte maneira: “Há em Deus três hipóstases [pessoas]... o Pai e o Filho e o Espírito são um e único Deus, todavia de modo que Filho não é o Pai como tal; ou o Espírito, o Filho; ao contrário... são distintos entre si por determinada propriedade... Onde se faz menção simples e indefinida de Deus, esse termo cabe ao Filho e ao Espírito não menos que ao Pai” (CALVINO, 2006). E segundo o Credo de Atanásio, séc IV, dentre os versos 15 e 27: “Assim o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus. E, contudo, não são três deuses, mas um só Deus. Do mesmo modo, o Pai é Senhor, o Filho é Senhor, o Espírito Santo é Senhor. E, contudo, não são três senhores, mas um só Senhor. E nesta Trindade não há nem mais antigo nem menos antigo, nem maior nem menor. Mas, as três Pessoas são coeternas e iguais entre si. De sorte que, como se disse acima, em tudo se deve adorar a unidade na Trindade e a Trindade na unidade”.

demarcadas⁶, Jesus não gasta todos os seus dias sentado dentro do templo, mas é enviado para servir às crianças, aos pobres e às viúvas. A profecia de Isaías 61.1-3⁷ encontrou em Jesus o seu cumprimento. Cristo tomou para si aquelas palavras e as viveu. Com efeito, Jesus, como indica Persike, “curou, mudou a vida das pessoas, comeu, andou, e falou com pessoas das quais alguns religiosos sentiriam vergonha de acompanhar”.⁸ Em ato de graça traz cura e libertação para todos aqueles que vêm a Ele, e os conduz ao Pai.

O próprio texto do Evangelho segundo Lucas, no capítulo 19 a partir do versículo 12, descreve Jesus Cristo fazendo menção a seu próprio trabalho como um homem que vai a uma terra distante instaurar o reino e depois voltar para consumá-lo. Esse Homem-Rei se manifestou como Cordeiro que deveria ser imolado, um servo que deveria sofrer para que o Reino fosse inaugurado plenamente. O texto ainda revela que o povo “achava que o Reino de Deus começaria de imediato” (Lc 19.11, NVT). Porém, o Reino de Deus também é espera. Nesse cenário, Jesus conta-lhes a parábola dos dez servos e revela que há um *tempo* entre a *inauguração* e a *consumação* do Reino de Deus. Assim, é revelado que há um caminho a se tomar. Para Jesus, o caminho da cruz. Algo que somente Ele poderia passar para receber a autoridade de governar e o domínio eterno sobre todas as coisas. Com efeito, a necessidade de ir e receber domínio para então voltar e governar em um tempo futuro o lugar no qual Ele estava. Nesse sentido, Cristo precisou sair para ser coroado rei, Ladd declara:

Uma referência em nossos evangelhos torna muito claro esse sentido. Lucas 19.11,12 afirma: “Estando eles a ouvi-lo, Jesus passou a contar-lhes uma parábola, porque estava perto de Jerusalém e o povo pensava que o Reino de Deus ia se manifestar de imediato. Ele disse: ‘Um homem de nobre nascimento foi para uma terra distante para ser coroado rei e depois voltar’”. O homem nobre não foi embora para conseguir um reino, uma região sobre a qual governar. O reino sobre o qual queria governar estava próximo. O território sobre o qual deveria reinar era esse lugar que deixou. O problema era que ele não era rei. Ele precisava de autoridade, o direito de governar. Ele saiu para conseguir um “reino”, isto é, “ser coroado rei”, ter autoridade.⁹

Um exemplo para ilustrar essa situação aconteceu nos anos que antecederam a vinda do Messias. Os judeus esperavam que na vinda do Messias tudo seria completamente transformado, mas este é o choque que Jesus traz: Ele convida todos a fazer parte disso. Há um caminho a ser percorrido, e Ele insere cada um nessa história como também operantes da vinda do Reino de Deus.

⁶ HORSLEY, 2014.

⁷ “O Espírito do Soberano Senhor está sobre mim porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes, e dar a todos os que choram em Sião uma bela coroa em vez de cinzas, o óleo da alegria em vez de pranto, e um manto de louvor em vez de espírito deprimido. Eles serão chamados carvalhos de justiça, plantio do Senhor, para manifestação da sua glória” (Is 61.1-3, NVI).

⁸ PERSIKE, 2007, p. 13.

⁹ LADD, 2008, p. 21.

1. A DIMENSÃO DO REINO

A partir das Escrituras, é possível compreender que o Reino de Deus é um reinado eterno onde Deus é Senhor Soberano sobre todas as coisas. Este reino é diferente de todos os outros, pois manifesta-se sobrenaturalmente. É um reino espiritual e torna-se conhecido tanto na dimensão presente quanto na vindoura.

Em Lucas 22.18 Jesus declara: “não beberei vinho outra vez até que venha o Reino de Deus” (NVT). Mas este reino já não chegou? Está próximo, é chegado ou está vindo? Destacamos que, segundo Archer, a doutrina da inerrância bíblica é a posição histórica dos principais ramos do cristianismo, e nos ensina que a Bíblia nos fala a verdade e jamais apresenta algo que não seja verdadeiro. O estudo das Escrituras, portanto, requer interpretações cuidadosas e coesas.¹⁰ A proclamação da vinda do Reino se dava tanto no anúncio do Reino enquanto realidade futura, quanto em uma cobrança ética presente.¹¹ Assim, apesar de aparentemente destoante, o Reino de Deus é apresentado como *próximo*, *inaugurado* (ou chegado) em Jesus Cristo e operante entre os Seus, e vindo para ser *consumado* definitivamente.

Em Jesus, o Reino de Deus é *inaugurado*. “É chegado o Reino de Deus”, disse Jesus no começo de seu ministério (Mt 3.2, ARC). Nesse sentido, quando Deus manifesta-se encarnado na história, o Reino de Deus também o é. Assim, quando Deus se fez homem, trouxe consigo o esplendor e a majestade de seu reino.

Mas este reino não está plenamente estabelecido. Ainda não está *consumado*. O Reino de Deus traz consigo elementos de um mundo vindouro, um tempo que ainda não chegou. Um tempo inaugurado, mas não consumado. Ladd afirma, portanto, que o reino é eterno, presente e vindouro. Essas categorias nos ajudam a entender a dimensão temporal do Reino de Deus: Ele é eterno. Todavia, para alcançar pessoas submetidas ao tempo, fez-se dele algo progressivo, revelado em etapas, a fim de que se possa conhecê-lo e entendê-lo e, ao entendê-lo, se passe a ser seus agentes.¹² De acordo com Neto, isso não se refere a mais de um Reino, mas são três aspectos de uma mesma realidade.¹³

A Bíblia diz que o domínio de Deus, isto é, o seu reino, se estende de uma eternidade a outra eternidade. Esse reino eterno que estava se aproximando desse mundo é o que Jesus passa a anunciar. Quando Ele é investido de autoridade e poder através do batismo, passa a demonstrar uma dimensão eficaz do Reino, que ainda não é pleno, mas começa a manifestar a realidade espiritual nos corações. O Reino de Deus invadiu a presente era, invadiu o nosso tempo. O anúncio é de que o Reino de Deus está próximo. A consumação desse reino faz-se cada vez mais presente. Os que aceitarem Jesus como seu salvador terão lugar no Reino quando Jesus voltar e viverão eternamente com Ele.

¹⁰ ARCHER, 2001.

¹¹ RUPPENTHAL NETO, 2020.

¹² LADD, 2008.

¹³ RUPPENTHAL NETO, 2020.

2. O REINO DE DEUS

Na medida em que se percebe a dimensão do Reino de Deus, faz-se necessário compreender o que é o Reino de Deus, e sobre quem, como e onde se manifesta este reino. Inicia-se pelo que o Reino de Deus *não é*. O apóstolo Paulo afirma que o Reino de Deus não é comida, nem bebida (Rm 14.17). Também não é o céu, como pode levar a entender a expressão *Reino dos Céus*, presente no Evangelho segundo Mateus.¹⁴ Jesus pregava sobre o Reino *dos Céus*, mas não o Reino *no* céu (Jo 18.36). Não se refere ao lugar ao qual estamos indo, mas o lugar de onde o Reino está vindo.¹⁵

A mensagem central de Jesus é o Reino de Deus.¹⁶ Jesus pregava sobre o Reino de Deus (Lc 4.43), ensinava como entrar em Seu reino (Jo 3.3-6) e testificava a ação do Reino no aspecto presente (Mt 3.2, 4.17, 4.23; Mc 1.15, 3.2, 4.11; Lc 1.32-33, 4.43). Destaca-se o trecho do último versículo em Lucas: “é necessário que eu pregue as boas-novas do Reino de Deus noutras cidades também, porque para isso fui enviado” (Lc 4.43, NVI). Todo o ministério de Jesus estava na esperança escatológica do Reino de Deus. A teologia bíblica atesta que o Reino de Deus dominou a vida de Jesus. Esta é a chave para compreender o propósito de Cristo. Além disso, em Jesus a realidade histórica do Reino se concretiza nele mesmo.¹⁷ Com efeito, trata-se de um reino que tem sua origem nos céus e está vindo para uma perspectiva de consumação eterna.¹⁸ E, ainda, nota-se nas pregações de Jesus a ilustração de um Reino que não é imaginado à maneira dos reinos e impérios humanos, mas é comparado de forma simples aos elementos presentes na vida diária de Jesus e seus vizinhos, como destaca Neto:

Em sua pregação, Jesus vale-se das imagens da Galileia rural na qual estava inserido: o reino de Deus é comparado a um campo (Mt 13.24-30; Mc 4.3-9,26-29; Lc 8.4-8), a uma vinha cujos trabalhadores são respeitados e remunerados de forma justa, a uma semente de mostarda que se torna uma grande árvore (Mt 13.31-32; Mc 4.30-32; Lc 13.18-19), assim como é associado aos elementos da pescaria – prática bem conhecida pelos seus discípulos: “O Reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie” (Mt 13.47).¹⁹

Com relação aos ensinamentos de Jesus, suas 42 parábolas foram, segundo Maia e Kunz (2019), uma estratégia de comunicação e ensino decididamente acertada, que atendeu muito bem às necessidades de propagação dos princípios do Reino de Deus, naquela cultura e em todas as outras. As parábolas falam, em um primeiro momento, da *inauguração* do Reino de

¹⁴ Essa diferença ocorre pelo fato de que Mateus escreve seu evangelho originalmente para o povo judeu, os quais não pronunciavam o nome do Eterno por respeito e temor. Dessa forma, Mateus usa uma expressão semita para proclamar o Reino de Deus aos judeus de seu tempo respeitando seus costumes e tradições. A expressão aparece 29 vezes ao longo de todo o livro: 3.2, 4.17, 5.3, 5.10, 5.19, 5.20, 10.7, 11.11, 11.12, 13.11, 13.24, 13.31, 13.33, 13.44, 13.45, 13.47, 13.52, 16.19, 18.1, 18.3, 18.4, 18.23, 19.12, 19.23, 19.24, 20.1, 22.2, 23.13 e 25.1.

¹⁵ LADD, 2008.

¹⁶ RUPPENTHAL NETO, 2020; MAIA & KUNZ, 2019; XAVIER & MALHEIROS, 2019.

¹⁷ GONÇALVES, 2009.

¹⁸ LADD, 2008.

¹⁹ RUPPENTHAL NETO 2020, p. 22.

Deus. Em um segundo momento, da *dimensão* (ou influência) desse reino. E em terceiro: o Reino *consumado* (Mt 22-26). O Reino é e ainda não, como se vê a seguir:

As parábolas de Jesus, além de revelar como o Reino vem, também têm o propósito de ensinar o que se deve fazer para entrar nele e o que é exigido dos súditos deste Reino, para permanecer nele. Uma vez que as pessoas não estavam atendendo a estas expectativas, ele também usou as suas narrativas para confrontar estas pessoas, para provocar nelas as mudanças indispensáveis, no caráter e no comportamento de todos os que visam o pertencimento ao Reino de Deus.²⁰

Em Marcos 1.15, Jesus passa a proclamar a necessidade do arrependimento, a necessidade de um retorno à *origem* (arrependimento, do grego, *metanoia*, mudança de mente ou tornar ao juízo correto) pois um novo reino está se aproximando e ele é regido por outra legislação que ocasionará uma nova prática de vida. Também no evangelho de Marcos Jesus pergunta aos seus discípulos: “se vocês não entendem o significado desta parábola [do Semeador], como entenderão as demais?” (Mc 4.13, NVT). Nesse sentido, nota-se que a Parábola do Semeador (Mc 4.1-20) é a base para entender todas as outras, como uma “Parábola da Resposta” às demais. Portanto, por meio dessa parábola é possível compreender o Reino de Deus, pois trata de como alguém deve responder à palavra deste reino.²¹

A proclamação do Reino de Deus, afirma Neto, “não é um anúncio da coroação de Deus como rei de Israel, mas a vinda de um reinado já existente, o exercício de um rei já constituído, agora em uma nova dimensão”.²² E, ainda, destaca que os milagres são a “evidenciação da chegada do Reino esperado”.²³ Mas então, diante disso, que respostas damos a esse reino que vem?

Apesar de o Reino de Deus falar em um direito de governar, a Igreja não é o Reino de Deus, mas seu agente. É fácil cometer esse equívoco. De início, a frase atribuída ao teólogo francês Alfred Firmin Loisy, diz que “Jesus pregou o Reino e o que veio foi a Igreja”. Bom, de certa forma, é claro que a Igreja é um manifestar do reino de Deus, mas ela não é o Reino. O que aconteceu é que “pouco a pouco, e à medida que nos afastamos das origens cristãs, foi-se dando, na práxis pastoral e na teologia cristã, um processo de eclesialização do Reino acompanhado e cimentado pelo casamento entre a Igreja e o poder político”.²⁴ Nesse sentido, o Reino de Deus pareceu limitar-se à esfera da Igreja, sendo ela a genuína manifestação do Reino. Portanto, agregar-se à Igreja ficou sendo o mesmo que militar no Reino de Deus. Os profetas do Antigo Testamento quando falavam sobre a manifestação do Reino de Deus se referiam a ele como “naquele dia” e não “naquele lugar”, ou seja, um período não um local.

Logo, o Reino de Deus não é um lugar que está vindo ou um lugar para onde os cristãos estão indo, mas a própria presença tabernaculada²⁵ de Deus entre os Seus. É o próprio reinado

²⁰ MAIA; KUNZ, 2019, p. 37.

²¹ LADD, 2008)

²² RUPPENTHAL NETO, 2020, p. 21-22.

²³ RUPPENTHAL NETO, 2020, p. 30.

²⁴ GONÇALVES, 2009, p. 3.

²⁵ Os hebreus não eram muito propensos a representar Deus de forma visual; em vez disso, eles o representavam em palavras, e vinculavam seu lugar de presença ao tabernáculo. Todos esses símbolos deram lugar ao

de Deus, a autoridade legal de Deus de exercer domínio. Seu domínio eterno (Sl 103.19), redentivo e realizador. O Reino de Deus, inaugurado pelo Senhor Jesus, tem uma perspectiva até os dias atuais e uma esperança que será realizada nos dias da consumação, isto é, quando Jesus Cristo retornar e consumir Seu reino.

Sendo assim, o Reino de Deus é, antes de tudo, o direito legal que Deus tem de governar sobre todas as coisas. Não é o céu, não é a Igreja, não é um lugar. Ladd afirma que o Reino de Deus é a extensão de Seu ser, não consiste em palavras, mas em demonstração de poder (1Co 4.20).²⁶ Nesse sentido, a consumação desse reino é, portanto, resumida na presença de Deus entre os homens (Ap 21.3) com soberania, autoridade e governo divino sobre tudo e sobre todos.

É importante frisar que, segundo Xavier e Malheiros, a igreja não é o reino, mas o arauto que anuncia o reino. Assim, o Reino não é necessariamente, e nem exclusivamente, a igreja.²⁷ Esta é um sinal do Reino de Deus e instrumento de sua implantação na história. É nela que se celebra o mistério da comunhão com Deus, é por meio dela que Deus mostra o que Ele pretende ter com toda a humanidade.²⁸

Recentemente, uma frase foi dita no púlpito de uma famosa igreja americana afirmando que “a igreja precisa voltar a reinar”. Isso escancara a crise política que temos enfrentado atualmente. A Igreja não precisa voltar a reinar, a Igreja precisa voltar a proclamar o Reino de Deus. O que está no coração dos homens? A necessidade de um governo sobre eles.²⁹ As pessoas anseiam por um país melhor, por uma vida pública melhor, por segurança, saúde e educação, porque, na verdade, elas anseiam pelo Reino de Deus. Todavia projetam essa expectativa pelo Reino em líderes e governos temporais, em utopias políticas. Mas somente Jesus é aquele que cumpre todas as demandas e necessidades do nosso coração por governo. A boa notícia é que todas as exigências para nos salvar e nos aproximar de quem Deus é, o próprio Deus cumpriu em Cristo Jesus.³⁰

Com efeito, compreendemos nas profecias de Daniel que todos os reinos deste mundo são passageiros, insuficientes e corruptíveis, mas quando vier aquele que é perfeito todos eles serão destruídos pela Rocha que não foi cortada por mãos humanas. Grudem apresenta objetivamente a sua perspectiva sobre a relação entre cristianismo e governo com uma “influência cristã expressiva sobre o governo”.³¹ É interessante notar que mesmo por ser uma “influência expressiva” ela se caracteriza não por uma ação violenta e intolerante, mas por uma influência amável que concerne à veracidade e excelência moral das Escrituras Sagradas. É necessário chamar a atenção para a necessidade de termos uma visão adequada da relação entre fé e obras no que concerne ao exercício de influência expressiva do cristão na política e

verdadeiro Templo (Jo 2.19-22). Jesus, que antes de se encarnar, era a Palavra de Deus no Antigo Testamento, tornou-se a Palavra de Deus que “tabernaculou” entre os seres humanos (Jo 1.14; Cl 2. 9) (ESTELLE, 2018).

²⁶ LADD, 2008.

²⁷ XAVIER; MALHEIROS, 2019.

²⁸ GONÇALVES, 2009.

²⁹ BAZZO; *et al.*, 2020.

³⁰ BAZZO; *et al.*, 2020.

³¹ GRUDEM, 2014.

no governo para que os indivíduos não sejam atraídos por falsos profetas em falsas campanhas de governo. Deve-se, portanto, ter em mente que Deus governa soberanamente sobre todos os governos, Ele realizará completamente todos os seus planos e no fim dessa história Cristo voltará e estabelecerá seu Reino sobre toda a terra. Reconhecer estas realidades traz consolo e conforto diante do atual uso das Escrituras para fins de subjugação e domínio político de uma parcela da massa cristã desinformada (ou com o mesmo anseio de reinar que não lhe é devido).

Nesse cenário, René Padilla afirma que quando a igreja entende sua missão à luz do Reino de Deus, seus membros são liberados para servir - veja bem: servir, e não ser servidos.³² A inversão da autoridade do Reino de Deus para um de seus agentes produz um evangelho falso com base em pressupostos falsos. Nesse sentido, o que a teologia bíblica busca não pode ser outra coisa além da integridade cristã na missão, e a integridade demanda que o amor de Deus que se afirma com palavras também se manifeste em ações orientadas a satisfazer as genuínas necessidades humanas. Com efeito, palavra e ação são inseparáveis na vida cristã e igualmente essenciais no testemunho cristão e na proclamação do Reino de Deus.

3. A MANIFESTAÇÃO DO REINO

Com relação à manifestação desse reino, evidencia-se o Reino de Deus quando se ama a Deus, e demonstra-se esse amor quando se obedece aos seus mandamentos. Como bons embaixadores deste reino, deve-se representá-lo aqui até que Ele seja plenamente estabelecido. Todavia este reino já começou a ser estabelecido no coração daqueles que ouvem a Verdade. Elias ressalta que o discurso ético fundado na revelação da Justiça do Reino de Deus manifestada em Cristo, não é evidenciado na pura repetição de fórmulas ou mensagens engessadas, mas numa reflexão da realidade que lhe dê significado e orientação em meio às circunstâncias.³³

Vive-se um mundo agressivo, manchado pela tinta do pecado, mas na vida de Cristo e na obra do Espírito Santo, vislumbra-se a redenção e participação dela. Por meio de Cristo há um propósito, um reino onde a paz reinará e Deus será adorado. Ainda que não esteja plenamente consumado, há um povo que se sente de certa forma inquieto com o presente, assombrado pela fragmentação do agora. Espera-se um futuro em que a justiça fluirá como as águas e a retidão como um ribeiro que corre incessantemente pairando sobre nosso presente e que permite ver qual o alvo pelo qual trabalha-se aqui e agora quando se ora: venha o Teu reino.³⁴

Com efeito, o Reino de Deus é evidenciado na vivência cotidiana do cristão. Até chegar a hora de manifestar-se no mundo inteiro, o Reino de Deus cresce dentro de cada cristão e manifesta-se exteriormente. Quem obedece a Cristo, faz crescer o Reino de Deus. Nesse sentido, é interessante destacar como Warren em sua obra, Liturgia do Ordinário, apresenta o dia a dia como lugar de adoração a Deus. A autora ressalta que “o reino de Deus vem tanto

³² PADILLA, 2014.

³³ ELIAR, 2019.

³⁴ WARREN, 2021.

por meio da adoração congregacional semanal quanto pela nossa adoração “dispersa” no trabalho a cada dia. Assim, todo trabalho, até com tarefas simples e pequenas, importa eternamente”.³⁵

A autora explica que cada cristão é parte da grande visão e missão de Deus: a redenção de todas as coisas, por meio das habilidades terrenas e cotidianas de viver e desenvolver a sua vocação, hora a hora, tarefa a tarefa. Nessa perspectiva, faz-se parte do grande trabalho do Reino de Deus, ainda não plenamente consumado, mas aprendendo a fazer parte dele dia a dia e vivê-lo nas pequenas tarefas diante de nós, nas palavras da autora, “a *missio Dei* na labuta diária”.³⁶ Ou ainda, como destaca Neto:

Pessoalmente deveis ser sinais do Reino de Deus que vem, sinais de que alguma coisa aconteceu; vossa vida (...) deve testemunhar aos olhos do mundo a vinda do Reino. Em vossas vidas, (...) no reino de Deus, deve-se manifestar a vitória do Reino de Deus.³⁷

Além disso, as questões sobre o Reino de Deus são respondidas na estrutura do que é um reino: um rei, súditos, leis, um lugar, e uma ordem. O rei sendo Deus, seus súditos todos que se submetem ao seu governo. Suas Leis: princípios e valores que regem o reino. O lugar: presente no coração das pessoas e terá jurisdição sobre toda a terra e todo joelho se dobrará (Rm 14.11). E, por fim, uma ordem: estabelecer justiça. Que é a ordem que manifesta o caráter presente do reino.³⁸

Neto afirma que o Reino de Deus anunciado por Jesus possui um vínculo inseparável com a justiça, e ressalta que “na pregação de Jesus, ‘o Reino dos céus’ e a ‘justiça’ estão tão intimamente ligados que formam um só e idêntico ideal: ‘Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça’”.³⁹ Sua raiz hebraica remete a posição correta, *ordem original*. O Reino de Deus visa trazer Sua Justiça, trazer a ordem sobre o caos que o pecado gerou. Assim como na Criação, na Consumação de todas as coisas, o Rei-Todo-Poderoso estabelecerá sua ordem sobre o caos e o Seu reino, enfim, *estará consumado*. E a justiça que reinará no reino vindouro, segundo Moila, “tem que estar em relação com as questões políticas que se confrontam com os povos hoje”⁴⁰ e, como agentes do Reino, aqueles que seguem a Jesus seriam os pontos de intersecção da justiça vindoura e a presente.

No desejo de que o Reino de Deus encontre o ser humano, Ladd descreve a relação que se pode ter com os versos da oração que Jesus ensinou: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10):

A certeza de que essa oração será respondida quando Deus trouxer a história humana à consumação divinamente ordenada, capacita o cristão a manter seu equilíbrio e sanidade mental neste mundo louco em que vivemos. Nosso coração se abre para aqueles que não têm essa esperança. Graças a Deus, o Reino dele está vindo e encherá toda a terra. Mas quando oramos: “Venha o

³⁵ WARREN, 2021, p. 88.

³⁶ WARREN, 2021, p. 91.

³⁷ JEREMIAS, 1976, p. 55 *apud* RUPPENTHAL NETO 2020, p. 29.

³⁸ RUPPENTHAL NETO, 2020.

³⁹ ADAM, 1976, p.70 *apud* RUPPENTHAL NETO, 2020, p. 27.

⁴⁰ MOILA, 1990, p. 94.

teu Reino”, também pedimos que a vontade de Deus seja feita hoje, aqui e agora.⁴¹

Há agora em uma esperança escatológica a respeito desse reino que é eterno, presente e experimentado por aqueles que se submetem ao seu domínio. O reinado de Deus, então, “está tanto aqui quanto lá, é iniciativa divina e projeto humano, e salva tanto o indivíduo quanto a sociedade”.⁴²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do Reino de Deus pode ser expressa em dois pontos: no primeiro anúncio de Cristo quando começou a pregar (Mt 3.2) e na instrução de Cristo quanto ao que se deve buscar (Mt 6.33). Buscai primeiro o Reino de Deus, foi assim que Ele ensinou. Jesus ensina que não se deve ter medo do futuro, medo do que irá comer, beber ou vestir. Todas essas coisas são importantes e essenciais, Jesus sabia disso, mas uma coisa é ainda mais importante: o Reino de Deus.

Claro que é importante fazer planos e ser cauteloso, mas isso não deve controlar a vida. Muitos gastam tempo, recursos e a própria saúde se preocupando com o futuro, mesmo sabendo que Deus supre todas as necessidades. E essa não é uma esperança vazia, mas depositada em quem a pode cumprir. É importante destacar que a marca singular da paciência não é perseverança ou fortitude, mas esperança. Nesse sentido, ser impaciente é viver sem esperança.⁴³ As necessidades do dia a dia, embora importantes e indispensáveis, têm prazo de validade. A vida na terra é passageira, o Reino de Deus é eterno. Esse é o nosso maior e principal alvo.

Diante disso, planejamento, trabalho ou esforço seriam dispensáveis? Certamente que não. Mesmo sendo Deus quem dá o crescimento, é dever do sementeiro tratar a terra, plantar a semente e colher seus frutos. A esperança no suprir divino não é acompanhada de um ócio terrestre. Muito pelo contrário, nosso trabalho não é em vão no Senhor (1Co 15.58). Viver para o Reino de Deus implica em todas as tarefas da nossa vida cotidiana. É justamente no espetáculo do dia a dia que manifestamos as características do Reino de Deus: justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14.17).

O Senhor dá o sustento em tudo que se faz. Quando se procura obedecê-lo em tudo, reflete-se sua glória no mundo. Vive-se o Reino de Deus quando Cristo é glorificado em todas as coisas. Aguarda-se ansiosamente por um futuro que foi feito por Deus, não apenas para ter libertação dos males do presente, mas em antecipação do bem que virá.⁴⁴ A eternidade é o alvo e Deus ajuda a chegar até lá. Em concordância com Neto, o futuro do Reino de Deus não deve gerar uma espera, mas uma esperança, que implica necessariamente em ação e transformação.⁴⁵

⁴¹ LADD, 2008, p. 24.

⁴² MOILA, 1990, p. 94.

⁴³ WILKEN, 2005 *apud* WARREN, 2021, p. 107.

⁴⁴ WILKEN, 2005 *apud* WARREN, 2021, p. 107.

⁴⁵ RUPPENTHAL NETO, 2020.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos**, 2002.

BAZZO, Angelo; MARQUES, Carlos; MAZZACORATI, Israel; MIGUEL, Igor; BIBO, Rodrigo. **Doutrina e devoção**. Ebook - Escola Convergência, 2020.

BÍBLIA SAGRADA. In: **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Edição Revista e Corrigida (ARC). Tradução de João Ferreira de Almeida. Santo André: Geográfica, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. In: **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Nova Versão Internacional (NVI). Tradução de Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. In: **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Nova Versão Transformadora (NVT). Tradução de New Living Translation. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

CALVINO, João. **As Institutas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

ELIAS, Márcio Oliveira. A ética do Reino em tempos de pós-modernidade. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, ano XV, n. 61, 2019.

ESTELLE, Bryan. Cristo e o Tabernáculo: a arca da Aliança. Tradução de Paulo Reis Junior. Ministério Fiel, 2018. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/cristo-e-o-tabernaculo-a-arca-da-alianca/> Acesso em: 10 de março de 2022.

GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e práxis pastoral. Uma abordagem a partir da teologia de Jon Sobrino. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, ano III, n. 23, 2009. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35889267/Reino de Deus-with-cover-page-v2.pdf> Acesso em: 15 de março de 2022.

GRUDEM, Wayne. **Política segundo a Bíblia**: princípios que todo cristão deve conhecer. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus. São Paulo: Shedd, 2008.

MAIA, Carlos Kleber; KUNZ, Claiton André. As Parábolas de Jesus: uma estratégia de comunicação dos princípios do Reino de Deus. **Revista Batista Pioneira**, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/293/337> Acesso em: 10 de março de 2022.

MOILA, Philip. Reinado de Deus e compromisso político. In **Estudos Teológicos**. v. 3, 1990. Disponível em: http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/893/866 Acesso em: 06 jan. 2022.

PADILLA, René. **Missão integral**. Viçosa: Ultimato, 2014.

PERSIKE, Ester. **Diaconia**: amor em ação. Curitiba: FTBP, 2007.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. O Reino de Deus na pregação de Jesus. **Via teológica**, v. 21, n. 42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/179> Acesso em: 18 de fevereiro de 2022.

WARREN, Tish Harrison. **Liturgia do ordinário**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021.

XAVIER, Érico Tadeu; MALHEIROS, Isaac. O Reino de Deus **Kerygma**, v. 14, n. 1, p. 55-65, 2019. Disponível em: <https://unasp.emnuvens.com.br/kerygma/article/view/1186> Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.